



No Script!

o Editorial

o amor nos ronda o tempo todo, seja em músicas, poesias, livros, filmes, séries, curtas... Diversos escritores, poetas e roteiristas tentam nos fazer imergir nesse sentimento que nem sempre sabemos explicar, mas que com certeza todos já sentimos - nos referimos aqui não somente ao amor romântico.

Apesar dessa universalidade do amor, esse sentimento, por vezes, é renegado a alguns grupos. E, infelizmente, isso não é nenhuma novidade. As minorias sempre foram pouco representadas no cinema e, quando se trata de temas cotidianos - como é o caso do romance ou a amizade, estão ainda menos presentes ou são, majoritariamente, utilizadas para tratar de outras temáticas.

No mês em que o amor, o orgulho LGBTQIA+ e o dia dos namorados é celebrado, decidimos trazer nesta edição da revista No Script! algumas reflexões acerca de tais temas. Sabemos que histórias de amor são contadas todos os dias, mas nem sempre refletem aqueles que estão do outro lado da tela ou faz com que eles se sintam minimamente representados.

Esperamos que aproveitem a leitura e que se deixem embalar por este sentimento e suas diversas representações (ou a falta delas) no mundo cinematográfico! Apropriando-nos das palavras de Lulu Santos, consideramos justa toda forma de amor!

Redação do Cinecom

4

A História do Afeto no Cinema

6

A realidade nos contos de fadas

8

Você se sente representado?

9

Um brinde ao amor...independente da cor?

10

Amor multifacetado

12

Recados de Amor

13

Batalha de casais
Tinder de personagens

14

Playlist RomComs

15

TOP 5 da equipe

16

Talvez a História Certa para Você

17

Em Ritmo de CineCom

COMENTÁRIO



À HISTÓRIA DO AFETO NO CINEMA

POR ANTÔNIO DOS SANTOS

Os cantores Chitãozinho e Xororó já deixaram claro na música Sinônimos que o sinônimo de amor é amar, ou seja, faz parte desse sentimento expressá-lo e não apenas senti-lo. As formas de demonstrar nosso afeto são inúmeras, mas não dá para falar desse assunto no Mês do Orgulho LGBTQ+ sem tocarmos no fato que muitas pessoas são impedidas de amarem livremente. Questões como essas influenciam o mundo do cinema, portanto, vamos fazer um breve aparato sobre a história do afeto nas telas e o contexto de alguns acontecimentos marcantes.

O primeiro beijo do cinema foi em 1896 entre May Irwin e John Rice, cerca de um ano após os irmãos Lumière darem início a sétima arte. Dirigido por Thomas Edison, o curta *O Beijo* de apenas 26 segundos destoou dos outros filmes sem emoção da época, sendo assim, um ponto de partida para o romance nas telas. Entretanto, somente em 1922 que, pela primeira vez, duas pessoas do mesmo sexo se beijaram. A cena protagonizada por duas mulheres aconteceu no longa *Manslaughter*, porém as personagens eram apenas figurantes. Já a primeira relação homoafetiva aconteceu anos antes no filme alemão *Diferente dos Outros* de 1919. Mesmo sem beijo, a trama desenvolve bem o romance entre um violinista e seu estudante que precisam esconder que são um casal, pois ainda era crime. A obra foi ideia do psicólogo Richard Oswald que queria mostrar as pessoas que a homossexualidade não era uma doença mental como pensava a sociedade da época. No Brasil, o primeiro beijo LGBTQ+ só aconteceu em 1977 no longa *República dos Assassinos* entre a travesti Eloína (Anselmo Vasconcelos) e o personagem Carlinhos (Tonico Pereira).

A partir daqui tire as crianças da sala, porque vamos falar sobre a primeira cena de sexo. Em 1933, na Tchecoslováquia, o diretor Gustav Machatý foi responsável pelo longa *Ecstasy*, na cena a câmera foca apenas nas expressões da personagem interpretada por Hedy

Reprodução: O Beijo



Reprodução: República dos Assassinos

Lamar tendo um orgasmo, o que já era bastante inovador. Mas enquanto uns avançavam, Hollywood ficava para trás devido ao código de produção que durou de 1930 a 1968 e que proibia a homossexualidade, beijos que fossem muito longos, sexo, relações interracialis e etc. O cinema, é claro, nunca foi muito de seguir regras, portanto, sempre tinha alguém tentando burlá-las para mostrar o amor de seus personagens da forma devida. No filme *Notorious*, por exemplo, o diretor Hitchcock teve a ideia dos personagens darem vários beijos curtos para tornar a cena apaixonante.

Nesse período, longas como *Adivinhe Quem Vem para Jantar* que retratavam casais interracialis foram importantes para combater o racismo dentro da população estadunidense que vivia sob o regime de apartheid. Mesmo após o seu fim, o casamento interracial ainda era ilegal em muitos estados, o que começou a mudar quando em 12 de junho de 1967 a Suprema Corte decretou que essas leis eram inconstitucionais. O casal Mildred e Richard Loving que motivaram a decisão tiveram sua história contada no filme *Loving* e a data do julgamento se tornou no país o *Loving Day* por conta do sobrenome deles e também porque significa "Dia do Amor".

Agora na pandemia, expressar afeto tem sido mais por distância e é claro que o cinema também teria histórias para contar desse momento. O curta brasileiro *Tudo Bem*, por exemplo, mostra o início do relacionamento de Dandara (Heslaine Vieira) e Hugo (Daniel Rangel) que coincide com o início da quarentena. A produção teve tanto sucesso que ganhou uma continuação que você pode ver no canal do youtube Pulo do Gato Preto Produções. Fica claro com esse panorama como opressões e censuras marcaram a história do afeto no cinema, mas também é perceptível o esforço de inúmeros artistas para quebrar essas barreiras e deixar o amor falar mais forte dentro ou fora das telas.

A realidade nos contos de fadas

Há quem diga que o amor é o pilar de todas as criações artísticas. Essa percepção pode até variar, porém, é inegável que o romance e a paixão serviram – e servem – de tema e inspiração para inúmeras das grandes obras literárias, visuais, cinematográficas ou musicais, que conhecemos.

No cinema, o amor já se mostrou um forte favorito do público, seja com dramas emocionantes de cortar o coração ou com as famosas comédias românticas, histórias de amor que, mesmo também trazendo profundidade, são contadas de forma leve e cômica. Por vezes, ao ouvirmos falar do subgênero, pensamos nas produções de Hollywood, por muito tempo consideradas clichês e femininas demais para serem consideradas merecedoras de reconhecimento. No entanto, o surgimento das comédias românticas se dá muito antes dos filmes que conhecemos. William Shakespeare foi o responsável por começar a misturar romance e comédia de forma explícita em suas obras, sendo seu clássico *Sonho de uma Noite de Verão* ainda hoje inspiração para roteiristas e produtores.

As comédias românticas se rein-

ventam o tempo todo para atingirem um novo público-alvo de acordo com a realidade, os gostos e as necessidades deste. Filmes criados para espectadores específicos fazem com que estes se identifiquem com a trama e com os personagens, e essa foi a fórmula do sucesso encontrada pelas comédias românticas. Até mesmo as atrizes escolhidas para as produções eram pensadas para serem semelhantes às espectadoras. Nos anos 80, Molly Ringwald – de *Gatinhas e Gatões*, *A Garota de Rosa Shocking* e *Clube dos Cinco* – foi a grande estrela do subgênero já que, segundo produtores, tinha “o rosto da adolescente comum” e satisfazia os padrões da época.

Uma prova da familiaridade que esses filmes conseguem criar com seus respectivos públicos é, exatamente, o uso de elementos e histórias reais dos próprios escritores ou atores. Em *Ressaca de Amor*, uma cena autobiográfica do ator Jason Segel – onde sua namorada termina o namoro com ele totalmente peloado durante toda a conversa – se tornou uma das mais famosas do filme. O título de um dos maiores filmes do estilo, *10 Coisas Que Eu Odeio em Você*, foi baseado em uma anota-

ção real do diário de adolescência de uma das escritoras do roteiro, onde ela listava tudo o que odiava no namorado da época. Essas e tantas outras histórias trazem o público para mais perto dos personagens e torna as situações vividas pelos personagens relacionáveis.

As mais icônicas rom-coms são cheias de pequenos detalhes reais e, em alguns casos, até mesmo casais reais. *Gatinhas e Gatões*, já citado anteriormente, marcou a história das comédias românticas e Molly Ringwald já provou que a química entre os personagens não era completa atuação. Segundo a protagonista, ela pediu aos roteiristas que Viggo Mortensen fosse o escolhido para interpretar Jake Ryan pois ele foi o único que realmente a beijou durante os testes e fez seus “joelhos tremerem”. Ryan Gosling e Rachel McAdams também viveram uma comédia romântica real enquanto gravavam *Diário de Uma Paixão*. E mesmo que alguns casais não sejam reais, vários atores ficaram marcados por conta de personagens icônicos que interpretaram juntos, como Julia Roberts e Richard Gere ou Adam Sandler e Jennifer Aniston.



Reprodução: Google Imagens

Comédias românticas são muitas vezes chamadas de “contos de fadas da vida real”. O modo como elas trazem os finais encantados (e foram felizes para sempre...) para o contexto conturbado e não-mágico que é a realidade, com uma infinidade de casais, lugares e roteiros distintos, faz com que cada pessoa se identifique com uma história de amor diferente. E pra quem não acredita em contos de fadas, pelo menos sabemos que elas são, no mínimo, um bom entretenimento.

POR MARCELA AGUIAR

Você se sente representado?

POR BEATRIZ VALENTE

Representação e identificação são partes importantes em obras de arte. Seja na pintura, na literatura ou na música - sempre somos atraídos por aquilo que causa uma identificação conosco. E no cinema não é diferente. Mas será mesmo que todas as pessoas que assistem a um filme se sentem representadas por ele? Estamos no mês do orgulho LGBT, e também no mês do dia dos namorados, e trago para você uma reflexão: quantos filmes de romance ou drama você conhece que representam esse grupo?

Apesar de existirem alguns filmes sobre o tema desde a década de 1930, houve um crescimento a partir da década de 1990, com o surgimento do New Queer Cinema, um movimento independente que propunha filmes com temática LGBT. *Looking for Langston* (1989) e *Paris is Burning* (1991) são algumas obras que tiveram sua força, assim como o nacional *Jenipapo* (1995).

Mas saber que há um aumento de representação não quer dizer que esta deixe de ser problemática. Enquanto em *Brokeback Mountain* (2005) vemos uma relação entre dois homens gays pautada na heteronormatividade, em *Azul É a Cor Mais Quente* (2013) vemos uma relação lésbica sexualizada. Em 2020 foi divulgado, pela ONG Aliança Gay e Lésbica contra Difamação, que o índice que

analisa personagens LGBT no cinema aumentou a portagem de representação. Dos 118 filmes de 2019, 22 (18,6%) incluíam personagens queer, sendo a maior porcentagem desde a primeira análise, oito anos antes. Mas nenhum dos estúdios analisados pelo índice recebeu o grau "bom" ou superior a isso com base na qualidade e diversidade.

Apesar da pequena quantidade, há esperanças que venham cada vez mais longas que representem a comunidade LGBT de forma respeitosa. Em 2016 tivemos o aclamado *Moonlight*, com protagonismo negro e enredo sobre descoberta de identidade. Em 2019 tivemos o nacional *Alice Júnior*, abordando a vivência trans de forma leve sem minimizar os preconceitos e desafios. E eles também estão adentrando os gêneros de romance - *Você Nem Imagina*, *Com Amor*, *Simon*, *Alex Strangelove*, *Laurence Anyways* e vários outros estão aí para isso.



Reprodução : Google Imagens

Um brinde ao amor.. independente da cor?

POR MAI MEDEIROS

Já abordamos o tema negros e romance na 2ª edição da No Script!, mas ainda há muito para se falar. Nesta matéria trataremos do negro e suas relações amorosas com pessoas de outras etnias no cinema. Começando pelo fato de que elas são mínimas. É claro que o número de casais inter-raciais vem aumentando com o tempo (mais pela pressão social do que por outros motivos), mas como já dizia o velho ditado, quantidade não é sinônimo de qualidade.

Há alguns casais inter-raciais representando cenas dramáticas, é verdade. Mas é só de drama que se faz um romance? Onde está o amor de época, os musicais, as famosas comédias românticas?

O problema se inicia já na escalação do elenco, faltam atores negros nas produções, e isso não é uma novidade! Quando escalados, esses atores e atrizes receberam o papel de coadjuvante, personagens geralmente sem desenvolvimento na história e que mal tem falas na produção, quem dirá um par romântico.

Se, por um milagre, há um casal inter-racial, saiba que os problemas estão à espera (afinal, quem precisa de um amor tranquilo). O personagem negro nunca será visto como digno de amor, alguém bom o suficiente para o seu companheiro em cena.

O romance entre o casal será completamente construído em cima do racismo e eles não terão uma "outra função" no filme se não abordarem esse assunto. Não entenda mal, é extremamente importante que o racismo existente na vida dos negros e dos casais inter-raciais seja mostrado e confrontado nas telas, mas, tão racista quanto ignorar a existência dessa discriminação é resumir a vida de personagens e suas relações apenas à essa questão.

Negros e as demais etnias enfrentam, além do racismo, estresse no trabalho, mal-humores de adolescente, a descoberta da sexualidade, medo de compromisso e tudo isso pode ou não estar ligados à traumas raciais. Por isso, é importante que haja mais espaço para que casais inter-raciais vivam também um romance cotidiano, deixando de lado a ideia que diz que para os personagens não-brancos a raça sempre tem de ser um problema em algum momento! Até quando viver histórias de amor, decadência, vício e tudo mais serão um luxo permitido apenas aos brancos? Às vezes, negros só querem também um pouquinho de diversão.



Reprodução: Google Imagens

AMOR

MULTIFACETADO

Esse texto contém spoiler dos filmes *Encantada* (2007), *10 Coisas Que Eu Odeio em Você* (1999), *Como Eu Era Antes de Você* (2016), *Se Eu Ficar* (2017). Muito se tem falado na internet sobre as linguagens do amor, a forma com que cada pessoa demonstra se importar com alguém que ama. Questões como essa levantam hipóteses sobre algo que, não importa as mudanças e tecnologias desenvolvidas, nunca foi capaz de ser explicada. O que, possivelmente, é o amor?

Talvez não devesse existir limites para a concepção do que é o amor. O sentimento mais puro e lindo do mundo, há tempos abordado em canções, poemas, filmes e outros, não parece se restringir a uma experiência única e delimitada. Talvez justamente por não oferecer nenhuma resposta exata, seja tão difícil decifrá-lo ou sequer entendê-lo.

Sendo assim, podemos encarar o sentimento como algo multifacetado, baseado nas possibilidades infinitas que carrega consigo, apenas por existir. Espera-se que o amor esteja aplicado às nossas relações desde o momento em que somos gerados, e assim permeie nossas vidas até encontrar novas possibilidades no chamado amor romântico.

E a descoberta do amor em um outro

alguém talvez seja uma das coisas mais excitantes que experimentamos. O suor nas mãos, as pernas bambas, o coração acelerado. A espera de algo, de um dia, de um momento. A criação de uma ligação, uma memória, uma vida. Romances água com açúcar são exemplos de produções nas quais o amor representado costuma ser aquele fácil, com seus altos e baixos, mas que está destinado a acontecer e a, no fim, dar certo.

Em *Encantada* (2007), fantasia romântica, vemos Gisele (Amy Adams), personagem saída diretamente dos contos de fada, sonhadora e doce, em busca do seu, até então, príncipe encantado pela cidade de Manhattan. Acaba encontrando o amor nos braços de Robert Philip (Patrick Dempsey), com o perfil totalmente contrário ao seu, um homem realista e cético. Outro exemplo de produção em que os opostos se atraem é *10 Coisas Que Eu Odeio Em Você* (1999), o clássico no qual Kat Stratford (Julia Stiles) e Patrick Verona (Heath Ledger) acabam juntos mesmo o título denunciando as diferenças entre o casal protagonista.

Para os românticos incuráveis, o amor verdadeiro é forte o suficiente para superar qualquer obstáculo e salvar vidas. Em *Se Eu Ficar* (2017), Mia (Chloë Grace Moretz) sofre um acidente de carro que

acaba com a vida de seus pais e seu irmão mais novo, e vê a si mesma em coma enquanto reflete sobre o futuro caso sobreviva.

Um dos motivos principais que molda sua decisão de brigar pela vida é a paixão pela música, juntamente com sua relação intensa com Adam (Jamie Blackley), o amor de sua vida. É pensando em um provável futuro ao lado de seu amor adolescente que a garota abre os olhos para um novo recomeço.

Mas nem tudo é sempre doce, e as produções - e a vida real - nos mostram que o amor pode não ser o suficiente para manter duas pessoas juntas. Por mais que acreditemos na grandiosidade do amor, algumas vezes vemos que ele pode não ser o suficiente.

Questões são levantadas sobre o ideal de almas gêmeas, que por vezes se encontram mas que não ficam juntas, e a perfeita e dolorosa exemplificação é *Como Eu Era Antes de Você* (2016). William Traynor (Sam Claflin) é um jovem aventureiro que vê seus planos serem frustrados ao sofrer um acidente que o deixa tetraplégico.

Preso a cadeira e dependendo de cuidados especiais, Will cai nos encantos de sua nova cuidadora, Louisa Clark (Emilia Clarke), mas o amor que desenvolve por ela e sua personalidade doce não é suficiente para mudar sua decisão de dar fim a sua própria vida. Will opta pelo suicídio assistido, cuidando para que seu grande amor tenha uma vida feliz e que valha a pena, ainda que sem ele ao seu lado.

POR ANA CAROLINE SOUZA



Recados de Amor

Abrimos espaço para nosso público do Instagram expressar seus sentimentos e se declararem para seus ou suas pares românticos. Veja aqui um pouco do clima amoroso do Dia dos Namorados.

Amo você tanto quanto a Namã ama ouro.

Quando estou com você, sinto que nada no mundo vai ser mais importante do que esse momento. Obrigado por ter entrado na minha vida e aceitado o espaço no meu coração sz.

@batman2v

*"I love your eyes and the rest of your face too."
About Time.*

@micverissimo

*Obrigada por fazer a minha vida mais feliz e a quarentena mais suportável!!
Te amo <3*

@julianadialmeida

Obrigado por todos os momentos que já vivemos. Só tenho a agradecer por estar na minha vida.

@cesar_gomes01

Só Deus sabe o quanto minha vida fica mais iluminada com você, o tanto que me faz bem.

@anavit_messiasoliveira

Lagertha

@higor_brandaop

Não importa quantas vidas eu tiver, eu vou escolher passar todas ao seu lado.

@leh.alyanova



BATALHA DE CASAIS

Qual será o casal que conquistou o coração do público com seu romance épico? Confira o resultado da nossa enquete!



Julius e Rochelle

Chris é um adolescente crescendo no Brooklyn dos anos 80 com uma excêntrica família composta pelo pai Julius, sua mãe Rochelle, sua irmã mimada Tonya e seu irmão Drew, que é bastante popular.

Tinder de Personagens

Como o Dia dos Namorados é especial, nosso Tinder também tem que ser! Os casais finalistas da batalha foram avaliados pelo público, veja os resultados dos nossos seguidores no Instagram!

Personagem	Local	Distância	Like (Coração Verde)	Dislike (Cruz Vermelha)
Blair	Upper East Side, NY	Há um episódio de distância	49%	51%
Julius	Brooklyn, NY	Há um episódio de distância	66%	34%
Gilbert	Avonlea	Há um episódio de distância	55%	45%

Playlist

RomComs

1 ♡h, Pretty Woman - Roy Robinson

2 It Must Have Been Love - Roxette

3 How Can You Mend a Broken Heart - Al Green

4 Signed, Sealed, Delivered (I'm Yours) - Stevie Wonder

5 Can't Take My Eyes off You - Frankie Valli

6 Bad Reputation - Joan Jett & The Blackhearts

7 Kiss Me - Sixpence None The Richer

8 Have You Met Miss Jones? - Ella Fitzgerald

9 God Only Knows - The Beach Boys

10 Love Is A Battlefield - Pat Benatar



Caso queira dar uma olhada em nossa playlist especial:

Top 5 da Equipe

ANA CAROLINE SOUZA



Como Perder Um Homem em 10 dias
O Lado Bom da Vida
Se Eu Ficar Encantada
Simplesmente acontece

O Plano Imperfeito
Outro Conto da Nova Cinderela
Emma
Orgulho e Preconceito
O Diário da Princesa

ANTÔNIO DOS SANTOS



Moonrise Kingdom
Retrato de uma Jovem em Chamas
Your Name
A Criada
E Se Fosse Verdade

Cartas Para Julieta
Qual o Seu Número?
The DUFF
Bridgerton
-Dash & Lily



ANA VITÓRIA MESSIAS OLIVEIRA



BEATRIZ VALENTE

PALOMA FAGUNDES



Bridgerton
Dash & Lily
Simplesmente Acontece
10 coisas que eu odeio em você
Ricos de Amor

Mamma Mia
Simplesmente Acontece
10 coisas que eu odeio em você
O Fantasma da ópera
As Patricinhas de Beverly Hills

MARCELA AGUIAR

Uma Linda Mulher
Um Amor para Recordar
10 coisas que eu odeio em você
Um Lugar Chamado Nothing Hill
Diário de Uma Paixão



MAI MEDEIROS



Talvez a História Certa para Você



Reprodução: Internet

Imagina chegar em casa e encontrar um recado na secretária eletrônica da pessoa que você ama dizendo que o namoro acabou? Provavelmente, você iria colocar uma sofrência para tocar e torcer para esquecer logo dessa paixão, porém, no caso do protagonista de *Talvez uma História de Amor*, ele já se esqueceu e esse é o problema.

No filme, Virgílio (Mateus Solano) não consegue lembrar quem é a garota com quem ele namorou nos últimos meses, o que tornou a notícia do término mais confusa do que dolorosa. Para piorar, Virgílio é avesso a tecnologias, não tendo assim nenhuma foto da ex. Somado a isso existe todo o desconforto de admitir que se esqueceu dela, então na busca para lembrar do namoro ele tenta não mencionar esse “pequeno detalhe” para os amigos.

Nesse processo de ouvir as lembranças que as pessoas tinham do antigo casal, Virgílio começa a se apaixonar novamente apenas pelos relatos sobre ela e a questionar se ele quer continuar sendo essa pessoa de vida monótona que foi capaz de perder alguém tão importante. Apesar de ser brasileiro, o longa é baseado em um livro de mesmo nome do escritor francês Martin Page que originalmente se passa em Paris, mas que virou São Paulo nas mãos do diretor Rodrigo Bernardo. Aposto que a partir dessa descrição você já ficou com vontade de ver o filme, né? Então, vai correndo assistir antes que se esqueça dele!

POR ANTÔNIO DOS SANTOS

EM RÍTMO DE CINECOM

POR ANTÔNIO DOS SANTOS

Em 2019, faltando apenas três dias para 12 de julho, o Cinecom fez uma sessão especial de Dia dos Namorados que nessa ocasião não ocorreu no gramado e sim no Auditório do Departamento de Engenharia Florestal (DEF). Todo mundo da equipe chegou meia hora antes para poder decorar o prédio que contou com diversos corações e balões espalhados, tudo para criar a noite perfeita para os casais.

O filme apresentado foi o grande sucesso *Em Ritmo de Fuga*, o longa conta a história de Baby (Ansel Elgort) que devido a um acidente quando criança passa a escutar um zumbido no ouvido, levando-o a escutar música o tempo todo para poder suprimi-lo. Enquanto trabalha de piloto de fuga, o jovem acaba se apaixonando por Débora (Lily James) e decide largar essa carreira perigosa, o que resulta em grandes problemas para o personagem.

Nas páginas da revista Curta, o filme se estendeu levando a discussões sobre a influência da trilha sonora da obra, os caminhos que o diretor Edgar Wright percorreu até conseguir criar o longa e muito mais. O Tomada 1 também marcou presença com a qualidade de sempre, mas a novidade ficou por conta do Correio Elegante onde os apaixonados puderam declarar o seu amor. E caso você tenha perdido a sessão ou queira relembra-la, todas as produções citadas podem ser encontradas no blog do Cinecom e o filme pode ser visto na Netflix.



Reprodução: Cinecom

No Script!

8ª edição - Junho/2021

CAPA

Michelle S. Silveira
michellebeatrizverissimo@gmail.com

EDIÇÃO GERAL

Paloma Fagundes
paloma6.fagundes@gmail.com

DIAGRAMAÇÃO

Ana Vitória Messias Oliveira
ana.v.oliveira@ufv.br

PROJETO GRÁFICO

Beatriz Valente
beatriz.v.silva@ufv.br

REVISÃO

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

REPORTAGEM E REDAÇÃO

Ana Caroline Souza
ana.silveira2@ufv.br

Beatriz Valente
beatriz.v.silva@ufv.br

Antônio dos Santos
antonio.henrique@ufv.br

Mai Medeiros
maianna.vitorino@ufv.br

Marcela Aguiar
marcela.a.pereira@ufv.br

ufvcinecom@gmail.com

www.jornalismo.ufv.br/cinecom/



APOIO

PEC

PRO-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA



REALIZAÇÃO

CINECOM
redação

